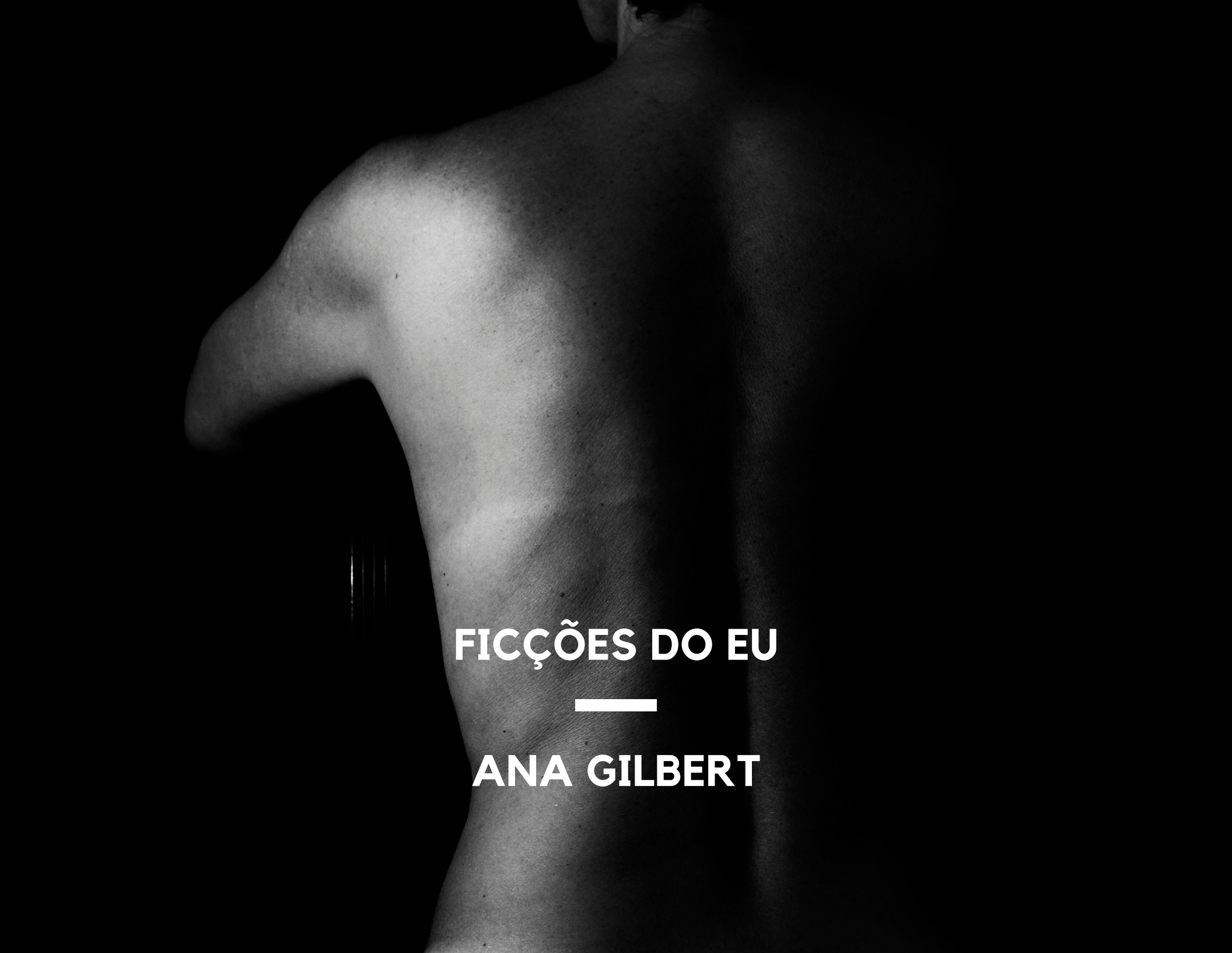




FICÇÕES DO EU



ANA GILBERT

FICÇÕES DO EU

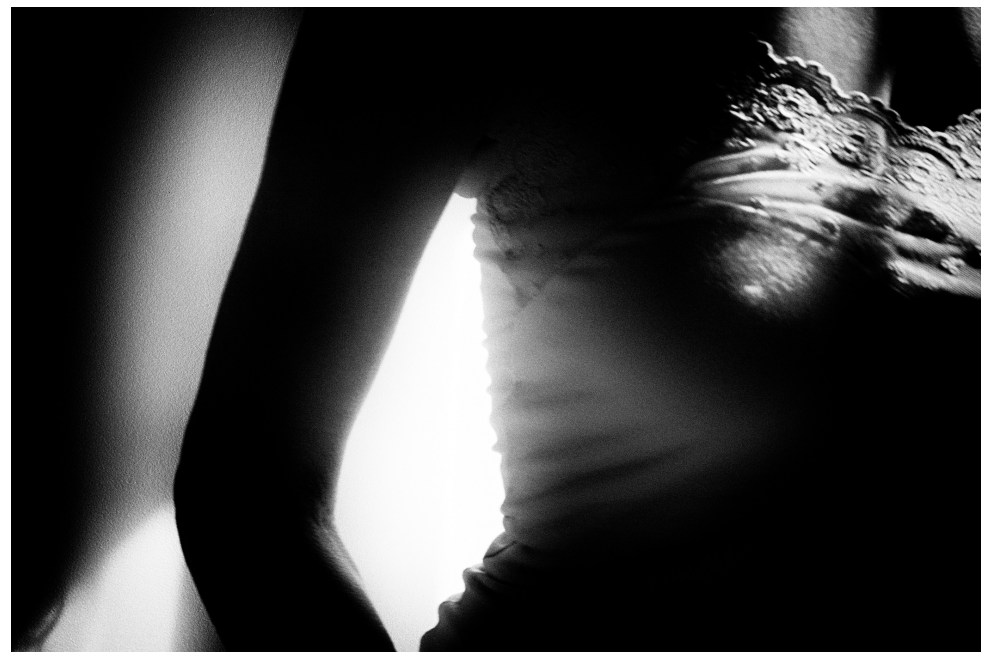
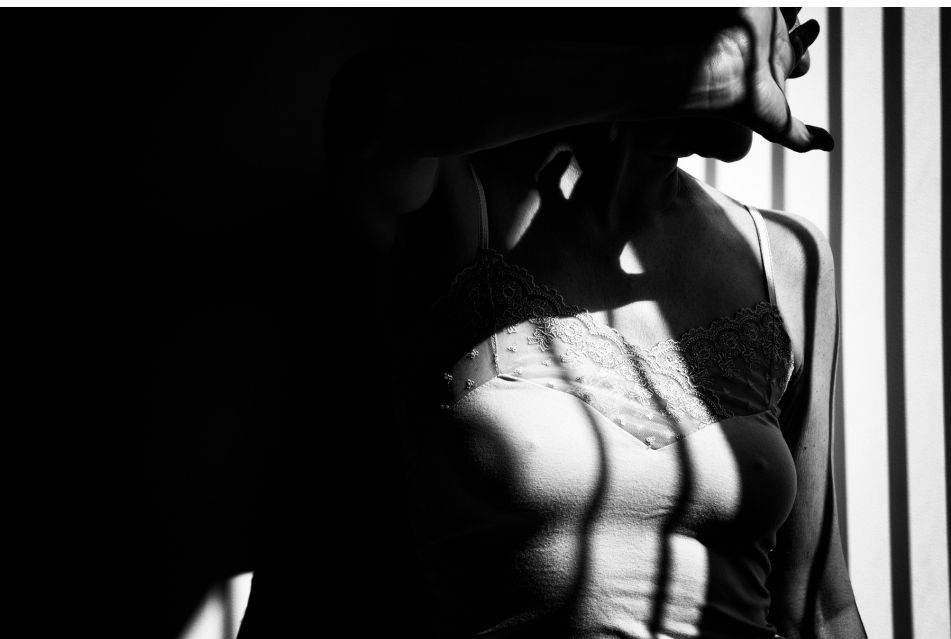
O corpo em contraste com o meio, o corpo exposto leve e sob peso, recortes, sequencias, fragmentos, sintaxe. Em ensaio realizado durante os anos de 2018 a 2020, Ana Gilbert nos apresenta um corpo, seu corpo, em imagens. Nele, transcende sua própria identidade, uma vez que a artista foca em elementos identitários menos óbvios do que a face, reforçando a ideia de um “eu corpo”. Um corpo que antes de ser a expressão da identidade da artista é também a expressão da individualidade na dimensão humana.

Ancoradas na característica plurissignificativa da imagem e sua semântica, ou seja, sua relação simbólica, as fotografias de Ana Gilbert provocam a imaginação a partir de nuances, contrastes, fragmentos e justaposições deste “eu corpo” que encontra, a partir da ficção, sua relação com o outro. Através dela, o “eu corpo” se transmuta em memórias e sentidos que interpelam o espectador, convidando-o para dentro da narrativa, mas o permitindo guiar-se por suas próprias memórias e afetos.

Neste sentido, as narrativas que Ana Gilbert cria em suas fotografias são construídas em partilha, tendo o corpo da artista como disparador do imaginário, convidando o espectador a devanear enquanto reordena os fragmentos de sua memória, (re)construindo ficções do eu.

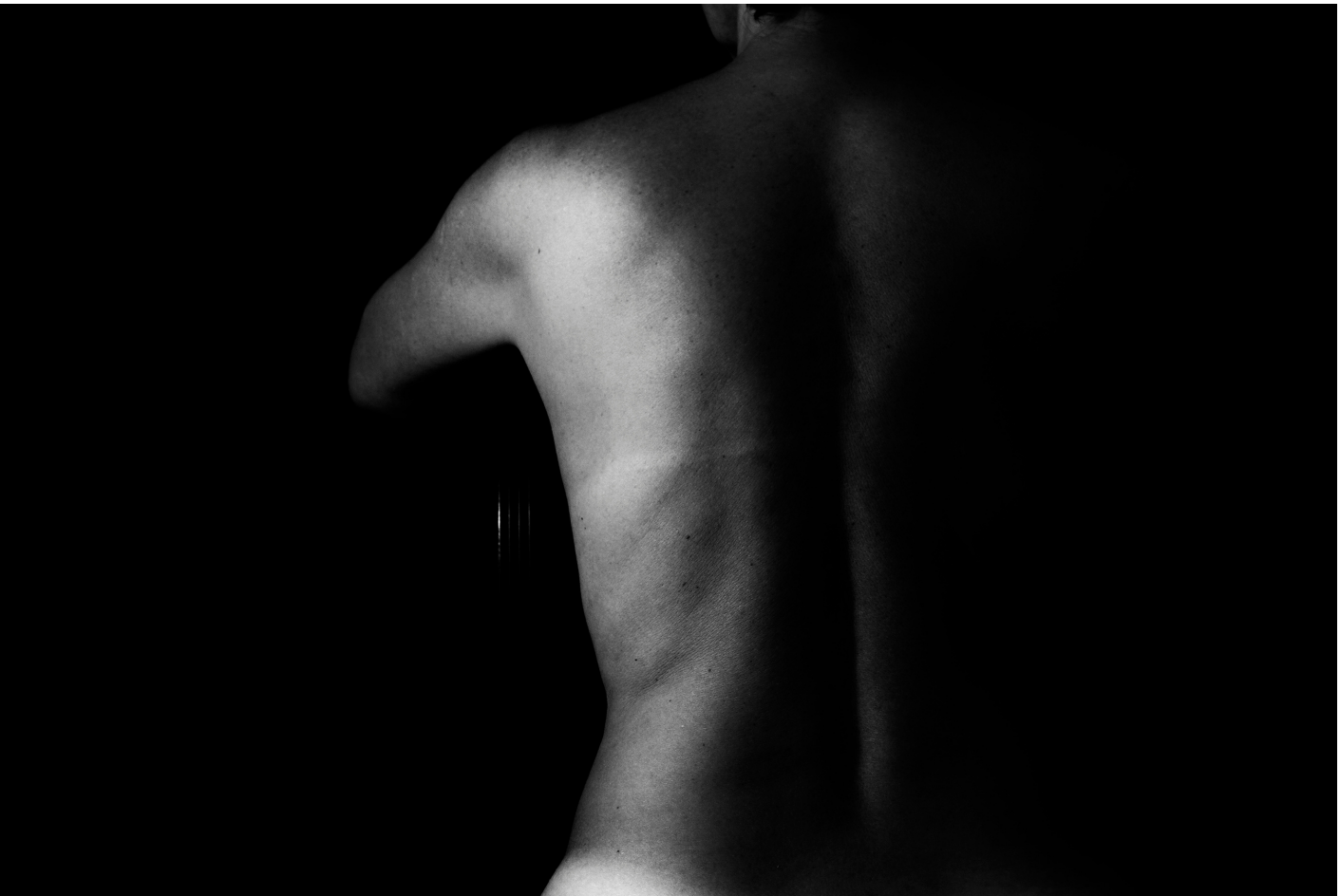
Esta exposição integra as ações da disciplina de Produção Cultural do curso de Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), coordenada pela professora Juliana Angeli.





A luz em mim
2019
Fotografia digital
45x30cm

Ígnea
2019
Fotografia digital
45x30cm



Deslizo lentes como dedos

2018

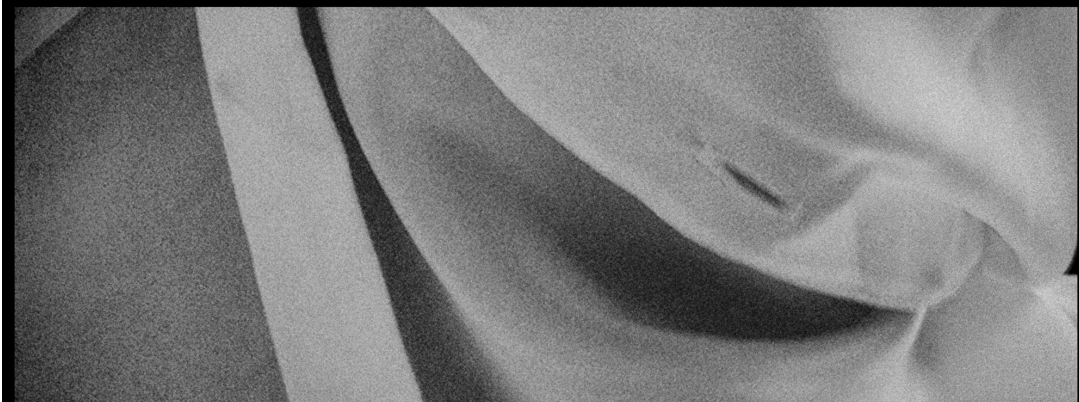
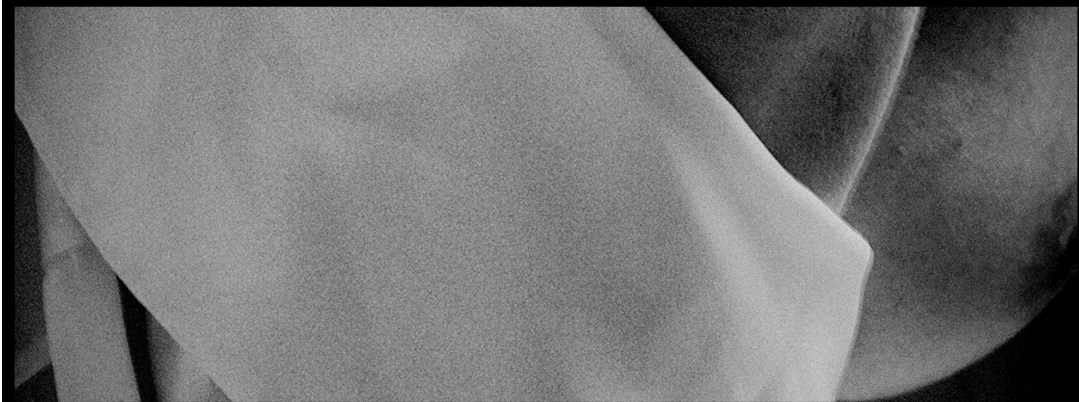
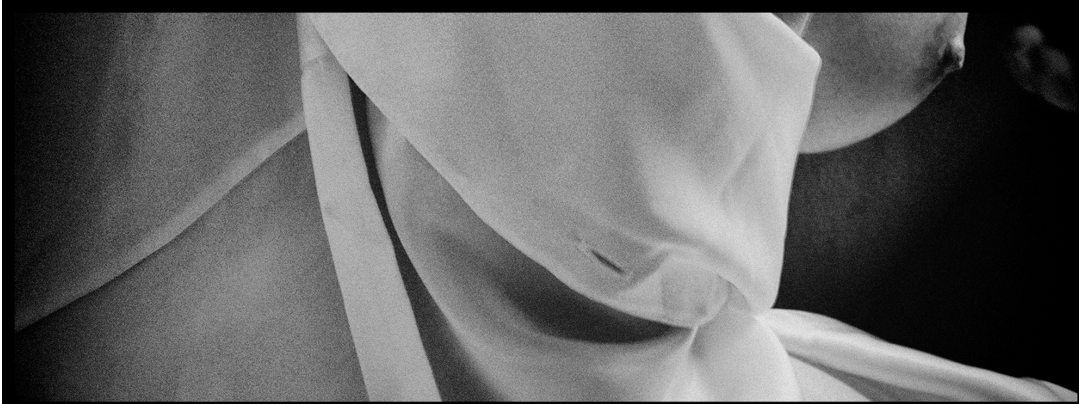
Fotografia digital

45x30cm



Solidão
2020
Fotografia digital
45x30cm

Evanescente
2020
Fotografia digital
30x30cm



Puzzle

2019

Fotografia digital

30x45cm



Silêncio Profundo
2019
Fotografia digital
45x30cm

Desejo de presença
2020
Fotografia digital
45x30cm

Espera
2020
Fotografia digital
45x30cm

Serpente
2020
Fotografia digital
45x30cm



Múltipla
2020
Fotografia digital
45x26,24cm



Fraturas
2019
Fotografia digital
45x30cm



Onde eu não estou
2020
Fotografia digital
45x30cm

SOBRE A ARTISTA

ANA GILBERT nasceu no Rio de Janeiro. É fotógrafa, psicoterapeuta e pesquisadora nas áreas de deficiência, arte e processos criativos. É uma das fundadoras (e autora) da Editora Minimalista, em colaboração com escritores de Portugal.

Desenvolve trabalho autoral em fotografia. O interesse por essa forma de expressão artística surgiu a partir de estudos sobre práticas de olhar, desenvolvidos na área acadêmica; o seu envolvimento com imagens, palavras e imaginação levou-a a uma interseção entre fotografia e literatura, trabalhando com imagens como narrativas.

Corpo, movimento e fragmentos são temas que lhe são caros, e o autorretrato é um exercício significativo na sua trajetória em fotografia.

Tem como proposta criativa constante a transformação de palavra em fotografia e fotografia em palavra, em parceria com escritores e fotógrafos. Participou de exposições individuais e coletivas no Brasil, em Portugal e no Reino Unido. Administra o blog **Sutilezas do Olhar** e é colaboradora nos projetos **Fotografar Palavras** e **Mapas do Confinamento**.

Exposições coletivas

- Coletiva Eixo 2021 - Eixo Arte | Paisagens internas (2021)
- Selfie Em Foco 2020 | Paraty Em Foco 2020 - Paraty, Brasil (2020)
- Meu mundo em porta retrato | Coletivo Fotógrafas Guarulhenses - Exposição virtual (2020)
- Fotografar Palavras | m|i|mo - Museu da Imagem em Movimento - Leiria, Portugal (2020)
- Diverso | Galeria Alternativa - Contagem, Brasil (2019)
- Selfie Em Foco 2019 | Paraty Em Foco 2019 - Paraty, Brasil (2019)
- Femininos Pessoais | Autorretrato - Centro Cultural da Justiça Federal - Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- The Oxford Open - Modern Art Oxford Museum - Oxford, Grã-Bretanha (2008)
- Primeiros Ensaio - Centro Cultural Laurinda Santos Lobo | Prefeitura do Rio de Janeiro- Culturas - Rio de Janeiro, Brasil (2006).

Exposições individuais

- Almas Desligadas - com Paulo Kellerman (textos) - Moinho do Papel | Leiria, Portugal (2019)
- Almas Desligadas e Outras Histórias - (composta de 3 ensaios, sendo um deles com Paulo Kellerman - textos) - Galeria Indoor | Rio de Janeiro, Brasil (2019)

Publicações

- **Revista Pausa na Rede - Expressões Artísticas em Tempos de Quarentena** (2ª Edição 2020) | [Casa Clic](#) (2020)
- **Grande Prêmio Fotografe 2021 | Revista Fotografe** | [Imagem Destacada Pré-selecionada](#) (2020)
- ***Embodied narratives: dance, corporeality, and creative processes*** | in [Art and Activism in the Age of Systemic Crisis](#) (2020) (Fotografia e texto)
- **Revista [Interface](#) - Comunicação, Saúde, Educação | Seção Criação** - Abril 2020
- Ensaio | ***Geografias corporais: dança, corpo e deficiência*** | Ana Gilbert e Paulo Kellerman
- **JaamZIN Creative Magazine | [Special Edition](#)** | Artists reflecting on coronavirus crisis - March /April 2020
- **JaamZIN Creative [Magazine](#)** | Issue 10 - Vol 2 | November-December 2019
- **JaamZin Creative [Blog](#)** | December 2019
- ***Almas Desligadas*** | com Paulo Kellerman | [livro](#)
- ***Almas Desligadas*** | com Paulo Kellerman | [ebook](#)

ENTREVISTA COM ANA GILBERT

CEG. Ana Gilbert, conte-nos um pouco sobre sua trajetória profissional.

AG. Sou leitora apaixonada e a minha formação como psicoterapeuta me levou a trabalhar em profundidade com palavras, imagens e imaginação, ferramentas do meu ofício. Durante o mestrado, aproximei-me da fotografia pela via teórica, com os estudos sobre práticas de olhar, e, posteriormente, esta atividade foi incorporada como exercício criativo constante que me desafia sempre a buscar novas perspectivas de ver o mundo e a mim mesma. Entrelaçada às imagens, está a escrita ficcional, à qual tenho me dedicado mais recentemente. Nessa interseção, posso dizer que escrevo fotografias e fotografo palavras.

CEG. Você mesma se fotografa? Se sim, qual sua relação com a câmera durante os registros?

AG. Sim. Na maior parte das vezes, utilizo o tripé para fazer os autorretratos. Ao me fotografar, existe uma relação eu-outro: sou criadora e objeto de criação. Como fotógrafa, exercito um olhar distanciado sobre mim, considerando-me como eu-corpo ficcional. Como fotografada, exploro o meu estar-no-mundo diante da lente, ou do olhar de quem está por trás da lente.

CEG. São necessárias muitas tentativas até conseguir o enquadramento desejado? Que recursos você utiliza para facilitar este processo?

AG. Faço várias fotos, alterando posição, foco, abertura, enquadramento, velocidade. Posso utilizar espelhos ou outras marcações que contribuam para a operacionalização da imagem que tenho em mente. Contudo, apesar de todo o aparato racional/intencional, há sempre um elemento inesperado, por vezes diferente do que era a ideia inicial, tais como o movimento do tecido ou um determinado gesto ou um recorte específico que faz daquela fotografia “a” fotografia desejada.

CEG. “Ficções do Eu”, conte-nos mais sobre o título escolhido para esta exposição.

AG. O título se refere a essa ideia de um eu-corpo ficcional. Apesar do ensaio ser composto por autorretratos, estes não são meras representações de mim. É o meu corpo, mas não sou exatamente eu e sim, ficções possíveis do eu.

CEG. A exposição é composta predominantemente por fotografias com temática a respeito do nu, conte-nos mais sobre sua relação com esta temática.

AG. A relação que privilegio é com o corpo, e o nu é um dos aspectos desse corpo. Assim como o prazer, a intimidade, o contorno, o desassossego, a dor, o abandono são possibilidades do corpo.

CEG. O que te motivou a escolher usar o P&B nas suas fotografias?

AG. Gosto muito do P&B, em especial, nas fotografias de pessoas. Sem as informações de cor, sinto que consigo captar melhor o corpo, a pessoa, a emoção, a alma sem tantas interferências e distrações.



CEG. Nas fotografias “Desejo de presença”, “Espera”, “Múltipla” e “Solidão” a presença da cama e seus elementos se destacam pelo diálogo com o seu corpo. Como você percebe essa relação em suas fotografias?

AG. Penso que a presença da cama se refere ao lugar da intimidade, ao lugar onde estamos entregues a nós mesmos, ou vulneráveis diante de um outro. Pode ser o lugar do sono e do sonho, mas também do prazer, da solidão, do choro, do delírio...

CEG. Ainda sobre o seu trabalho, você traz o tema do autorretrato. Através das fotos podemos perceber duas abordagens ao realizá-las: a primeira quando você se fotografa diretamente e a segunda quando utiliza-se do reflexo do espelho. Poderia comentar sobre estas diferentes escolhas?

AG. No primeiro tipo de autorretrato, a relação é diretamente com a câmera, ou com o olhar por trás dela: no segundo, existe também o diálogo com a imagem que está no espelho, isto é, com o lugar que mostra onde eu estou, mas onde, efetivamente, eu não estou. Gosto de explorar essas diferentes camadas relacionais.

CEG. Em “Fraturas” podemos notar um elemento de fragmentação que é recorrente em algumas de suas fotografias. “Múltiplas” e “Puzzle” também elaboram esse aspecto, na medida em que se constituem como diferentes registros em uma única imagem. Poderia nos dizer o que motivou a escolha de compor estas fotografias dessa forma?

AG. Somos habitados por inúmeras personagens, mais ou menos conscientes; carregamos dentro de nós a multiplicidade e a fragmentação. Ambos são aspectos da nossa alma e, ao usar esses elementos no autorretrato, busco provocar uma reflexão em torno da ideia de um eu uno e coeso.

CEG. Em alguns trabalhos predominam o enquadramento de partes do corpo, como os pés, os seios e as costas. No entanto, todos eles não incluem a presença do rosto. Como você enxerga essas relações em seu trabalho?

AG. No meu trabalho, seja ele artístico, clínico ou acadêmico, o meu interesse se volta para o que é menos visível, para o não dito, para aquilo que solicita de nós um olhar mais atento. Assim, o exercício do autorretrato surgiu a partir de uma provocação que me fiz para trabalhar com aspectos identitários menos óbvios do que a face. Neste sentido, o foco é deslocado para outras partes do corpo, no sentido de explorar a sua força como voz do eu.

CEG. Quais são os referenciais artísticos em sua produção?

AG. Nosso olhar vai sendo construído e modulado por tudo aquilo que nos toca e impressiona, isto é, por aquilo que deixa marcas em nós. Sou profundamente afetada pela literatura, pelas imagens que construo a partir das palavras, seja prosa ou poesia. E isso, claro, reflete-se nas minhas fotografias. Evidentemente, também sou afetada por olhares outros que não o meu. Não tenho como citar todos, mas dentre os meus referenciais estão Henri Cartier-Bresson, Alfred Stigliet, Edward Weston, Georgia O'Keefe, Francesca Woodman, Yoshitaka Amano...

CEG. Desse conjunto de trabalhos, há algum com o qual você mais se identifica?

AG. A linha de trabalho com autorretratos me é muito cara. Identifico-me igualmente com todas as fotografias; não conseguiria eleger uma.



COLETIVO ENGASGA GATO

O Coletivo Engasga Gato* é um coletivo de artistas que desde 2019 busca, através de suas ações, fomentar o cenário cultural no município de Pelotas. Com a pandemia do novo coronavírus tivemos que nos adaptar às demandas de arte e cultura por meio da internet e com isso criamos o site coletivoengasgagato.com para receber artistas, coletivos e grupos do país e do mundo, interessados em expor com a gente, assim como lançar editais dos mais variados temas e formatos para hospedarmos em nossa Galeria Vertical e Galeria Brecha.

*Engasga Gato: termo utilizado no Estado do Rio Grande do Sul, se refere a comida feita com as sobras da geladeira.

Editoração:

Guilherme Fuentes, Dara de Moraes Blois,
Ítalo Franco Costa

Organização:

Dara de Moraes Blois, Guilhermel Fuentes,
Ítalo Franco Costa

Realização:



UFPEL

